

Neglected Tropical Diseases in the Amazon and its Representations in the Big Written Press (1960-1980)²

Doenças Tropicais Negligenciadas na Amazônia e suas Representações na Grande Imprensa Escrita (1960-1980)

Sara Bello Aragon³
Miguel Furtado Menezes⁴
Lourival Inácio Filho⁵

Data de Submissão: 10 fev. 2019.

Data de Aprovação: 19 mar. 2019.

Data de Publicação: 15 jun. 2019.

ABSTRACT: This article is the result of a historical-cultural analysis of the ways of approaching the disease and its confrontation in the Amazon, from the great national press between the 1960s and 1980s, it seeks to participate in the discussions about the many images by which these vehicles come constructing representations on the Amazon from the temporal cut-off. Its central focus is the issue of epidemics that have transposed social, historical and cultural aspects of the region in general and about Rondônia in a specific way. The social impact of Neglected Tropical Diseases in Brazil was characterized in the Amazon by the "spontaneous" and / or encouraged progress of government, at the expense of human and environmental exploration. Three major Brazilian press vehicles were investigated: "Folha de São Paulo" and "O Globo" newspapers, as well as "Veja" magazine, which have undergone serial analysis and content, with statistical analysis and qualitative weights. The theoretical framework in which this research is inscribed is that of cultural studies and Cultural History, and it is of particular

RESUMO: Este artigo é resultado de uma análise histórico-cultural sobre as formas de abordagem da doença e seu enfrentamento na Amazônia, a partir da grande imprensa nacional entre as décadas de 1960 e 1980. Com ele, procura-se participar das discussões sobre as muitas imagens pelas quais estes veículos vêm construindo representações sobre a Amazônia a partir do recorte temporal elencado. Tem como enfoque central a questão das epidemias que transpuseram aspectos sociais, históricos e culturais sobre a região de um modo geral e sobre Rondônia de uma forma específica. O impacto social das Doenças Tropicais Negligenciadas no Brasil se caracterizava na Amazônia pelo avanço "espontâneo" e/ou incentivado de forma governamental, à custa da exploração humana e ambiental. Foram investigados três grandes veículos da imprensa brasileira: os jornais "Folha de São Paulo" e "O Globo", bem como a revista "Veja" que passaram pela análise serial e de conteúdo, com análise estatística e ponderações qualitativas. O quadro teórico no qual esta

1 Atribuição CC BY: Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

2 AGRADECIMENTOS: Gostaríamos de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram de maneira direta ou indireta com a elaboração dessa obra. Ressaltamos também a contribuição dada pelos pioneiros da imprensa que aqui se instalaram, ao Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO (NIMPI), ao CNPq, a Pró-Reitoria de Pesquisa de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação (PROPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), bem como ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do IFRO/ Ji-Paraná-RO, que graças ao empenho e dedicação dessas pessoas hoje podemos compreender as origens e o curso do desenvolvimento do estado de Rondônia dentro do contexto sócio-político relacionado a saúde.

3 Acadêmica do Curso Técnico de Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO)/Campus Ji-Paraná.

4 Doutor em Fisiologia Humana; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO)/Campus Ji-Paraná. Mestre em História e Estudos Culturais.

5 E-mail principal de contato: Lourival.filho@ifro.edu.br. Mestre em História e Estudos Culturais; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO)/Campus Ji-Paraná.

importance to construct the image of the unhealthy place on the Amazon that rivaled the representation of the Land of Providence present in the same periodical pages.

Keywords: Amazon. Migration. Press. Unhealthiness. Neglected tropical diseases.

pesquisa se inscreve é o dos estudos culturais e da História Cultural, anuindo singular importância à construção da imagem de local da insalubridade sobre a Amazônia que rivalizava com a representação de “Terra da Providência” presentes nas mesmas páginas periódicas.

Palavras-chaves: Amazônia. Migração. Imprensa. Insalubridade. Doenças tropicais negligenciadas.

INTRODUÇÃO

A abordagem e representação das doenças na Amazônia entre os anos 60 e 80 do século passado, principalmente sobre as Doenças Tropicais Negligenciadas são o tema central deste artigo. Fruto de pesquisa realizada com apoio do CNPq e desenvolvida no Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO (NIMPI), entre 2017 e 2018. Utiliza como fontes os jornais “Folha de São Paulo” e “O Globo”, bem como a revista “Veja”. Especialmente abrange as terras que formam o atual estado de Rondônia; politicamente o período da Ditadura Militar e socialmente o intenso fluxo migratório que deslocou aproximadamente 1,5 milhão de pessoas para o local na época em questão. É um trabalho de História Cultural que dialoga com algumas formulações dos estudos culturais, procurando entender como aquelas epidemias ajudaram na construção e/ou reconstrução das visões sobre a região.

Esta pesquisa histórica com enfoque na doença é herdeira direta da possibilidade de fragmentação de objetos na história e sua problematização no tempo que está intimamente ligada ao que muitos chamam de “crise de paradigmas” das últimas décadas do século passado, quando as explicações globais e estruturantes da realidade davam sinais de esgotamento. Para muitos, a ampliação das fontes historiográficas que possibilitou essa fragmentação e maior fluidez das fronteiras da História com outras ciências sociais remontaria aos anos 1930, com o movimento da *Escola dos Annales* que Peter Burke (1997) chamou de “Revolução Francesa da Historiografia” e, posteriormente, se ampliaria com a chamada Nova História, principalmente, a partir década de 1970.

Passou-se a ter uma maior preocupação com uma história-problema e a crítica das fontes tornou-se essencial, tanto interna, quanto externa aos textos. Estas possibilidades analíticas levaram a uma

visão mais complexa sobre o “fato histórico”, este deixou de ser protagonista, assim como a história política, centrada no fator cronológico ligado ao “mito das origens” que é revolvido pelo “furacão” Michel Foucault e sua “arqueologia do saber”.

A hipótese foucaultiana é de que a modernidade se caracterizaria pela invenção e a descoberta políticas de que a saúde da população seria a riqueza maior das nações, sendo, pois, a fonte das demais riquezas dos Estados. Por isso mesmo, promover a saúde das populações, pela normalização dos corpos, se transformou na estratégia política primordial da medicina moderna. Enfim, com a modernidade inaugura-se a era da bio-história. A natureza passa a ser ativamente transformada pela cultura através do dispositivo da medicina. Assim, pelos mecanismos de normalização a ordem social imprimiria a direção decisiva nas transformações da ordem vital. (BIRMAN, 1991, p. 20).

A partir destas perspectivas o documento histórico passou a ser questionado em seu texto e/ou seu contexto, bem como os locais de “quem fala” e o silêncio dos que “não falam”. O documento histórico “já não era mais o mensageiro da verdade absoluta do passado. Nessa esteira, a noção do que se constituía como fonte histórica ampliou-se e o documento deixou de ser apenas o registro político e administrativo, uma exclusividade dos povos com escrita” (ALVES, 2006, p.7-8).

A História Cultural é um dos frutos deste complexo repensar sobre a função da História diante dos desafios postos. Faz parte desse desenvolvimento historiográfico ao diferenciar-se da centralidade econômica do materialismo histórico e possibilitar não só uma fragmentação analítica, como também a ampliação e crítica às fontes diversas que passa a ser importante para

compreensão de objetos também diversos. “Seja numa perspectiva positivista, marxista, dos *Annales* ou da Nova História, sabe-se que a escolha das fontes depende não apenas do objeto e dos objetivos da pesquisa, mas também da delimitação, problemática, entre outros, isto é, dos recortes efetuados” (ALVES, 2006, p.8).

A História Cultural, segundo Jean-François Sirinelli, é o estudo das formas de representação do mundo no seio de um grupo humano cuja natureza pode variar por aspectos nacionais ou regionais, sociais ou políticos. No qual a mesma lida com a análise, a gestação, a expressão e a transmissão de representações culturais sobre o mundo. “Como é que os grupos humanos representam ou imaginam o mundo que os rodeiam? [...] um mundo legado pelas transmissões devidas ao meio, à educação, à instrução”. (SIRINELLE, 1992 *apud* RIOUX, 1998, p.20).

Ao comentar as “formas de teatralização da vida social na sociedade do Antigo Regime” que valorizava a imagem (“representação mascarada”) da realidade, Roger Chartier (2002) alerta para “a importância crescente assumida pelas lutas de representações cujo desafio é a hierarquização da própria estrutura social” (CHARTIER, 2002, p. 72).

De uma forma muito didática José de Assumpção Barros define a “representação cultural” como uma noção associada a certo modo de “ver as coisas”, de dá-las a ver e de refigurá-las e esclarece que “representações” seria uma noção que ainda estaria sendo elaborada no campo da História Cultural (BARROS, 2011, p. 48).

A contextualização torna-se o ambiente, à época, o local de produção da representação cultural é um dos antídotos contra o anacronismo tão caro a História. Peter Burke (2006) exemplifica bem esta questão quando trata da invenção das máquinas de prensa gráfica e a posterior expansão europeia da prática de impressão de livros, a partir do final do século XV. Burke chama a atenção para a extemporaneidade na cultura árabe em produzir ou reproduzir livros devido à resistência cultural às impressões gráficas que perdurou até o início da era moderna. “De acordo com um embaixador imperial em Istambul em meados do século XVI, os turcos pensavam ser pecado imprimir livros religiosos [...]. O medo de heresia estava por trás da oposição à impressão gráfica e do aprendizado sobre o Ocidente” (ibid., p. 25).

A produção e/ou transmissão cultural associa-se a contextualização anteriormente exposta. Tanto Roger Chartier (2002), quanto

Raymond Williams (2011) – dado as diferenças teóricas e metodológicas que os separam – chamam a atenção para a relação entre meios de produção cultural e estruturas de poder que lhes sustentam. Para Chartier (2002), torna-se essencial não perder de vista “o processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem. Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos [...] os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos. A distância, que é justamente o espaço no qual se constrói sentido – ou sentidos – foi esquecida com demasiada frequência” (ibid., p. 61-62).

Para Raymond Williams, meios de comunicação, sejam eles na forma física mais simples às formas mais avançadas da tecnologia, são sempre social e materialmente produzidos e reproduzidos. Porém, vão além de formas, são de fato meios de produção, “uma vez que a comunicação e os seus meios materiais são intrínsecos a todas as formas distintamente humanas de trabalho e de organização social, constituindo-se assim em elementos indispensáveis tanto para as forças produtivas quanto para as relações sociais de produção” (WILLIAMS, 2011, p. 69).

Durante muito tempo a imprensa escrita foi rejeitada como fonte histórica pela sua subjetividade, porém, ao se analisar tal produção pelo viés teórico-metodológico aqui apresentados, pode-se inferir de forma crítica sobre suas representações, buscando contextualizá-las pela complexidade inerente à relação entre a produção, os veículos aos quais se vinculam com seus múltiplos interesses e, obviamente, ao contexto histórico e espacial no qual se produziam os textos jornalísticos sobre as doenças na Amazônia.

Projetar-se sobre o passado destacando o enfoque na doença, não significa esgotamento e/ou reconstrução do passado por um único aspecto muitos outros enfoques não só são possíveis, como desejáveis para um entendimento mais amplo das visões sobre a Amazônia.

O estudo da representação da doença retratada pelas epidemias é um tema complexo, pois há silêncios de memória naturalmente inerente ao ser humano em relação a situações traumáticas. Porém, possibilita entender os embates entre as visões civilizatórias de domínio do homem sobre a natureza e as problemáticas encontradas ao longo

da história, como foi o caso da colonização recente em Rondônia, pontuada por expectativa, busca de riquezas, e enfrentamentos do medo.

Delumeau (2009) ao se questionar sobre o que ele chamou de “silêncio prolongado sobre o papel do medo na história” apresentava a questão enquanto confusão colocada entre medo e covardia, coragem e temeridade. Esta construção de discursos, segundo ele, camuflaria “as reações naturais que acompanham a tomada de consciência de um perigo por trás das falsas aparências de atitudes ruidosamente heroicas” (ibid., p. 14).

As representações da doença na Amazônia, apresentam múltiplas visões que se relacionam tanto com expressões de providências e prosperidade na mitologia do *Eldorado* que se projetava sobre a região, como pelo trágico e insalubre local que podia destruir sonhos e/ou a própria vida dos que nela se aventuravam. Assim como naquelas representações não se pode falar em uma, mas em várias Amazônias, equitativamente, pode-se dizer o mesmo para Rondônia, as visões sobre a formação histórica local sempre se fizeram dicotômicas ou múltiplas.

Da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912) ao intenso fluxo migratório

entre os anos 1960 e 1980, sua historiografia corporificou, alimentou e reproduziu aquelas representações de doenças enquanto empecilho ao desenvolvimento do tão aclamado “progresso”. Entre as representações que permeia o imaginário nacional sobre a Amazônia, uma das mais recorrentes é a de local da insalubridade e da doença.

Porto Velho, atual capital do estado, é um exemplo claro de história e tragédia com enfoque na doença. Projetada como canteiro de obras da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, teve a construção de seu município como um ato de profilaxia contra a insalubridade da velha vila de Santo Antônio do Madeira, que, no início do século XX, era vista como excessivamente deletéria para a produtividade da obra que perderia mais de 6 mil trabalhadores, principalmente, para malária (HARDMAN, 2005).

É importante a citação a velha estrada de ferro, uma vez que suas mortes foram um tanto quanto estruturantes para visões que se reverberariam sobre a região nas décadas subsequentes em relação ao medo, ligado a morte por doenças (**Figura 1**).

Figura 1 - Engenheiros da construção da Ferrovia Madeira-Mamoré com proteção contra mosquitos (principais vetores de doenças)



Fonte: Dana Merrill (1909-1910)

1.2 A doença e sua representação na imprensa

Numa perspectiva de longa duração temporal (BRAUDEL, 1992), as representações de saúde e doença sempre se pautaram pela inter-relação entre corpo humano e as coisas e seres que o cercam (naturais e/ou sobre naturais). Atrélam-

se a estas, sentimentos de culpabilidade, medo, superstição e mistério que se associam indissolúvelmente às expressões de doenças, à ocorrência de epidemias, à dor, ao sofrimento, às impressões de desgastes físico e mental. No seu aspecto ligado as crenças religiosas a doença vincula-se ao humor divino dos deuses ou de Deus, seja como maldição, provação ou punição que de

sertã maneira ainda se faz presente em representações atuais (SEVALHO, 1993, p. 352).

Como a produção jornalística é primordialmente uma construção cultural, convém analisar os ecos discursivos e imagéticos das representações das doenças e epidemias expressas na imprensa. Esta construção de olhares pode muitas vezes não vão ser produção, mas, reproduções pluriseculares – que aqui chamaremos de reverberação cultural – que traduz não as mudanças, mas as permanências culturais na longa duração. Estas permanências culturais no tempo são partícipes da expressão das representações sociais da saúde e da doença que são produzidas e/ou reverberadas pela grande imprensa nacional sobre a Amazônia.

É imprescindível destacar o papel das narrativas de viajantes, expedições científicas, de demarcação de fronteiras e/ou de ampliação do grande capital sobre a floresta nesta construção de representações sobre o lugar. São interpretações que muitas vezes se reverberam do passado por olhares estrangeiros que com o passar do tempo tornaram-se recorrentes, geralmente construídos pelo prisma europeu sobre o mundo. Burke critica este “olhar” estereotipado que muitas vezes focaliza as maneiras pela qual uma cultura não familiar é percebida e descrita pelo “olhar de fora” (2005, p. 86). Neste aspecto, a formação intelectual de um jornalista, seu local de origem, bem como a empresa a qual se vincula, poderia ter mais força sobre sua produção do que a própria realidade concreta por ele encontrada. Esta fórmula entre o confronto do que se espera e o encontrado torna-se mais arbitrária pela pouca visibilidade e o silêncio que a pauta jornalística costuma impor as minorias mais afetadas pelo fenômeno exposto⁶.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia dessa pesquisa pretende investigar e discutir qual o local das Doenças Tropicais Negligenciadas da Amazônia na imprensa. Para tanto, o exame e classificação das fontes, pela técnica de análise serial e com método de análise de conteúdo (**Quadro 2**), direcionou a uma maior

abrangência – como já se esperava – para a malária (**Figura 1**).

3 RESULTADOS

A Fundação Oswaldo Cruz define a malária nos seguintes termos:

A malária humana é uma doença parasitária que pode ter evolução rápida e ser grave. Ela pode ser provocada por quatro protozoários do gênero *Plasmodium*: *Plasmodium vivax*, *P. falciparum*, *P. malariae* e *P. ovale*. No Brasil, somente os três primeiros estão presentes, sendo o *P. vivax* e o *P. falciparum* as espécies predominantes. A transmissão natural da doença se dá pela picada de mosquitos do gênero *Anopheles* infectados com o *Plasmodium*. Estes mosquitos também são conhecidos por anofelinos, dentre outros nomes. Após a picada, os parasitos chegam rapidamente ao fígado onde se multiplicam de forma intensa e veloz. Em seguida, já na corrente sanguínea, invadem os glóbulos vermelhos e, em constante multiplicação, começam a destruí-los. A partir desse momento, aparecem os primeiros sintomas da doença (FIOCRUZ, s.d., p. 2).

Também conhecida como impaludismo, seus principais sintomas são febre e calafrios intensos, tremores e dores de cabeça. Tem cura se diagnosticada rapidamente e seguindo-se o tratamento específico. A malária pode evoluir para forma grave e até para óbito. Ela se enquadra num termo utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que seria curioso, não fosse trágico do ponto de vista social: Doenças Tropicais Negligenciadas – DTN.

É importante destacar que mesmo pela quantidade espantosa de casos registrados no Território Federal de Rondônia, a questão não chegava a se configurar como reportagem, caracterizava-se mais enquanto pequenas notas perdidas em meio a outras muitas notícias. Raríssima exceção a reportagem sobre a primeira expedição do Projeto Rondon (JORNAL O GLOBO, 08/08/1967, p.

tudo e falta-lhe tudo [...]” (1999, p.2), para em seguida citar suas leituras anteriores de Wallace, Mawe, W. Edwards, d’Orbigny, Martius, Barts e Agassiz e vaticinar: “Lede-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale” (ibid.).

⁶ Exemplo clássico ao que foi dito é bem retratada em Euclides da Cunha, quando se depara com o rio Amazonas: “A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente [...] Destarte a natureza é portentosa, mas incompleta. [...] tem

10) que possuía múltiplos interesses, entre os quais servir de propaganda ao Governo Militar.

De um modo geral, temos pequenas notas que correspondem, em média, entre 10 e 30% da página do jornal, que por sua vez costuma se localizar nas seções mais para o interior do periódico,

entre as páginas 6 e 10, em seções generalizantes intituladas de “Geral” e/ou “País” (Figura 2).

Quadro 1 - Análise serial e de conteúdo

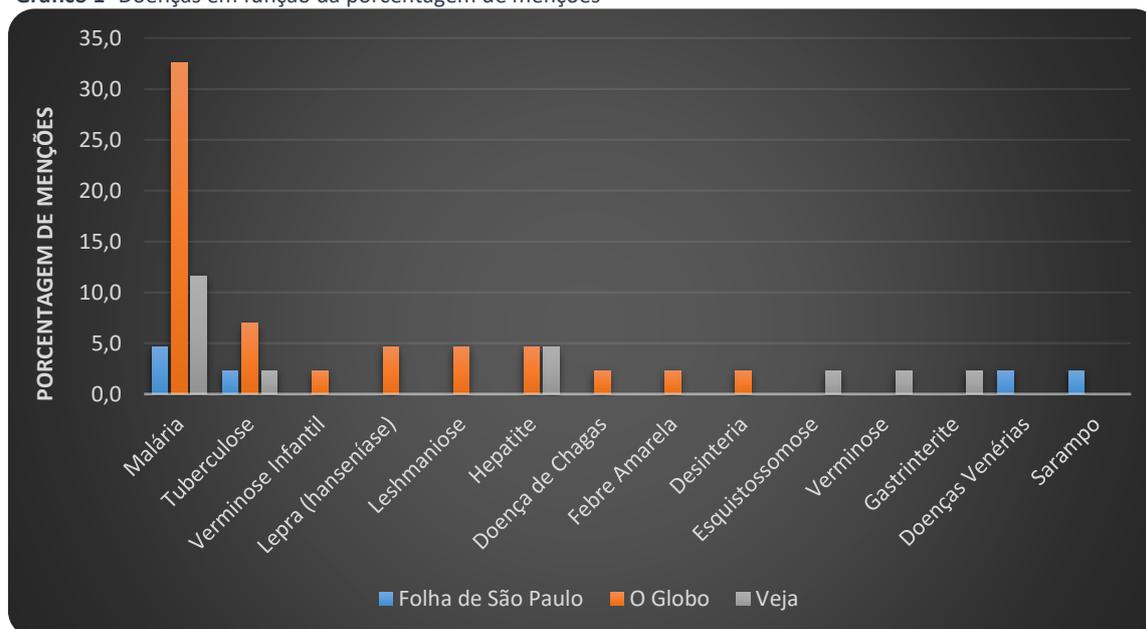
JORNAIS/REVISTA						Presença de ilustração
Folha de São Paulo	O Globo	Veja	pág.	Título da matéria	% Espaço na página	() Sim () Não () Foto () Desenho () Mapa () Gráfico () Outro:
Data: Análise de conteúdo						
Tema:	Subtema:	Local/cidade:	Órgão envolvido:	Há população em situação de vulnerabilidade envolvida () sim () Não Qual? Índios, quilombolas, ribeirinhos, outros:		

Fonte: Autores

Obviamente que a pauta jornalística escolhida pelos editores tendia para os interesses daqueles veículos em suas localidades, principalmente, São Paulo e Rio de Janeiro que ditavam tendências. O Extremo Oeste Amazônico neste contexto se configurava como uma espécie de colônia dentro de seu próprio país, uma espécie de local exótico e

produtor de insumos para o qual a Ditadura Militar usava sua máxima de enviar “homens sem terras, para terras sem homens” por desconsiderar nesta construção discursiva índios, ribeirinhos e quilombolas na categoria de “homens”.

Gráfico 1- Doenças em função da porcentagem de menções



Fonte: Autores

Figura 2 - Malaria põe Rondônia sob emergência: pequena nota na grande página

36 O PAIS **30 de Maio, 1980, O GLOBO** **2º CLICHÊ**

Sudene vai ampliar frentes de trabalho no Nordeste

TEREQUINA (O GLOBO) — O governador de Pernambuco, Paulo Campos, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

GOVERNO ESTUDA REDUÇÃO DO NÚMERO DE REMÉDIOS

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Em São Paulo, 50 entidades querem 'saúde para todos'

SÃO PAULO (O GLOBO) — Para melhorar a saúde pública em São Paulo, 50 entidades de saúde pública e de assistência social lançaram hoje uma campanha chamada "Saúde para todos".

Falhas na vacinação antipólio em MS

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Malaria põe Rondônia sob emergência

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Não faltava vacina contra a aftosa

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Anticoncepcional de baixa cultura

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Metodo do médico romano era conhecido no Brasil

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Comissão visitará Centro Aeroespacial

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Inampsa paga serviço médico no exterior

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Bahia não faltará

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

Sancionada lei que reestrutura cargos no Ministério Público

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Saúde, Wladimir Azeredo, anunciou hoje a criação de 15 frentes de trabalho no Nordeste. A medida visa ampliar o trabalho de assistência social e de saúde pública em regiões consideradas prioritárias.

EM CADA LETRA EM CADA FRASE, EM CADA RAJADA DESTE JORNAL, ESTÁ A MARCA DE TINTAS KENNER.

Fonte: O GLOBO (30 mai. 1980, p. 8)

4 DISCUSSÃO

Rondônia: representações de Eldorado e "purgatório"

O jornal "O Globo" em 1979, na busca por culpados pelo agravamento da epidemia, elenca a grande migração em Rondônia como preponderante: "O crescimento vertiginoso do número de famílias nos projetos de colonização do INCRA e a ampliação de linhas de penetração [está] tornando incontrolável a propagação da malária" (O GLOBO, 13 fev. 1979, p. 6). Esta convivência mais intensa entre pessoas e a consequente onda de epidemias que se alastrava pela região, levou o governador do Território Federal, coronel Jorge Teixeira (três meses após a notícia circular em âmbito nacional), a decretar estado de emergência em quatro municípios: Vilhena, Ariquemes, Ji-Paraná

e Cacoal, e seis distritos Jarú, Ouro Preto do Oeste, Presidente Médico, Colorado do Oeste, Cerejeiras e Rolim de Moura (O GLOBO, 30 mai. 1980, p.8).

Para a imprensa nacional este aspecto de insalubridade ligado à migração crescente, tornava-se ao mesmo tempo, tanto recorrente, quanto criadora de uma visão que reverberava do passado sobre os perigos epidemiológicos que o local representava, o jornal colocava mais de 100 mil vítimas de malária no território, para o ano de 1979, sendo 61 mil registradas em postos de saúde. Culpa-se novamente a migração intensa e os colonos mais pobres (maioria) com toda uma proclamada carga de ignorância sobre eles, como causa e não consequência da falta de infraestrutura a qual estavam submetidos, daí a dificuldade no tratamento. O governador chega a falar que Rondônia, naquele período, possuía o maior foco de malária do mundo.

É possível projetar um mapeamento da doença e sua expansão seguindo o que a imprensa colocava como pauta. Tornava-se comum, prédios e repartições públicas serem transformados em ambulatórios, conforme texto da “Folha de São Paulo”:

Mais de 152 casos de malária foram registrados nas últimas horas neste território, vitimando famílias do projeto Riachuelo, do INCRA, no município de Ji-Paraná [...] o único hospital do governo na cidade, o “Nossa Senhora Aparecida”, com 66 leitos, estava lotado [...] um prédio público será desativado pelo prefeito Assis Canuto, para dar lugar ao internamento de novas vítimas (FOLHA DE SÃO PAULO, 27 mai. 1979, p. 9).

Na primeira metade do século XX, houve um acirramento de posições teóricas conflitantes, médicas e políticas, sobre as causas das “doenças tropicais”, para uns eram “doenças de populações colonizadas e miseráveis, que por acaso se concentrava nos trópicos”; Para outros, eram “doenças de regiões insalubres, caniculares, sujas e propícias a todas as formas de doenças estranhas ao mundo civilizado” (CAMARGO, 2008, p.96). Esta

dualidade entre causa e efeito, ligada ora a ignorância da população, miserável e ignorante, ora as condições insalubres locais, ou ambas se coadunando se apresentavam constantemente na grande imprensa sobre Rondônia.

Outro aspecto a se considerar, e que vai de encontro às afirmativas anteriores – corroborando com as assertivas – é a ligação entre o aumento da doença e a forte migração (TABELA 1). Só no período entre 1960 e 1976, quando foram registrados em média 80 mil casos de malária por ano, principalmente a partir de 1977.

Ocorreu um processo muito rápido e desordenado de ocupação da região em razão da implantação de projetos de colonização, abertura de rodovias, atividades de mineração, e ainda, instalação de grandes usinas hidrelétricas. O processo migratório da população de outras regiões do país, onde nunca existiu malária – ou esta já havia sido eliminada há muitos anos – para uma região altamente favorável à transmissão da doença, provocou um incremento considerável da transmissão da malária, chegando a quase 560.000 casos, em 1989 (BRASIL, 2016, p.2).

Tabela 1 - Evolução demográfica de Rondônia – 1950 a 2007

Ano	Urbana	%	Rural	%	Total
1950	13.816	37,4	23.119	62,6	36.935
1960	30.186	43,2	39.606	56,8	69.792
1970	59.564	53,6	51.500	46,4	111.064
1980	227.856	46,4	263.213	53,6	491.069
1991	658.172	58,2	472.702	41,8	1.130.874
1996	762.755	62,0	466.551	38,0	1.229.306
2000	884.523	64,1	495.264	35,9	1.379.787
2007	1.001.082	69,6	452.674	30,4	1.453.756

Fonte: IBGE (2008)

A Revista Veja em 1980, trazia um título contundente para a situação migratória sobre Rondônia: “O faroeste brasileiro” e complementava com o subtítulo: “na marcha sobre Rondônia, milhares de migrantes empurrados pela esperança enfrentam os perigos de buscar terras virgens” (VEJA, 27 ago. 1980, p. 59). Ao longo de cinco

páginas, a revista alterna visões de empreendedorismo de sucesso com problemas sociais. Mira em uma elite de profissionais liberais que vão de comerciantes a médicos e no sucesso de grandes produtores rurais.

Figura 3 - A doença como negócio: poucos médicos, muito dinheiro



Fonte: VEJA (27 ago. 1980, p. 62)

Duas representações se conflitavam naquela reportagem: O *Eldorado* para profissionais liberais como médicos, dentistas entre outros e um verdadeiro “purgatório” para a população pobre e migrante que não paravam de chegar incentivados pelos poderes públicos. Especificamente, a *veja* utilizou como cenário discursivo para sua pauta, principalmente a cidade de Ji-Paraná por onde textos e imagens explanam sucessos e reprodução de

problemas sociais, intensificados no cenário amazônico.

A reportagem especial joga com subtítulos e imagens que remetem tanto ao “faroeste” e/ou “paraíso dos jagunços” (id.ib. p. 60), alternando-se com histórias de sucesso econômico proporcionada pela foto de médico em pose de piscina na cidade de Cacoal (Figura 3), ao mesmo tempo em que aponta de forma irônica as precariedades no atendimento de saúde dentária em Ji-Paraná (Figura 4).

Figura 4 - Na fila do dentista



Fonte: VEJA (27 ago.1980, p. 62)

A falta de médicos e infraestrutura é outra constante nas reportagens. Em reportagem especial de página inteira, a título de divulgação dos relatórios e experiência do primeiro Projeto Rondon⁷, o jornal O Globo em 1967, colhia o seguinte depoimento do jovem estudante de medicina da Universidade Estadual da Guanabara (UEG), Roberto Pimentel Mesquita sobre o atendimento aos tuberculosos em Porto Velho:

Em Porto Velho existem 1500 tuberculosos fechados, para apenas um sanatório com capacidade para 30 leitos [...] posso dizer que o Serviço Nacional de Tuberculose desconhece totalmente o Território [...] chama-se Casa Santa Clara e quem entra lá só sai morto [...] [não há] nem médico, nem aparelho pra radiografia. O paciente entra lá para morrer, os outros tem que esperar alguém morrer para obterem uma vaga [...] só mesmo morrendo é que o doente sai do sanatório” (O GLOBO, 08 ago. 1967, p.10).

Naquele contexto de Porto Velho em 1967, descrita pela ótica – “olhar de fora” – do jovem estudante de medicina do Rio de Janeiro, distante da “Cidade Maravilhosa” com suas praias exuberantes e efervescência cultural, o quadro que se apresenta nos remete aos hospitais do Ocidente cristão que em suas origens não eram locais de recursos terapêuticos, mas casas assistencialistas para pobres, abrigos para viajantes e peregrinos, verdadeiros instrumentos sociais de separação e exclusão onde se isolavam doentes do restante da população como bem descreve Foucault (1977 *Apud.*, SEVALHO, 1993).

Dentro de uma visão ligada aos ideais desenvolvimentistas que faziam parte dos governos militares de então, a reportagem especial de “O Globo” de 1967, reforça a imagem do local pela insalubridade, mas também ocorre de entre o tratamento de doenças e reconhecimentos etnográficos, haver, não por acaso, interesse em prospecção mineral, principalmente na cassiterita. A reportagem relata que empresas privadas que exploravam o mineral ficaram interessadas nos jovens estudantes de engenharia, mais do que nos jovens de medicina nos quais doenças e sonho do *Eldorado* se conectavam nas buscas de consensos

hegemônicos sobre o que seria a Amazônia como um todo e Rondônia por extensão, que figuraria nas ambíguas e arbitrarias páginas jornalísticas de então, mas que também poderia representar grandes lucros para o grande capital que poderia lucrar, inclusive, com seu aspecto epidemiológico que se apresentava como purgatório para maioria e enquanto horizonte de negócios para alguns.

5 CONCLUSÕES

A Malária foi a doença mais proeminente e reverberada na grande imprensa nacional entre as décadas de 1960 e 1980, sobre Rondônia. Sejam, com dados oficiais reproduzidos e/ou dados inflacionados por interlocutores, geralmente agentes políticos, das forças armadas, grandes produtores rurais, profissionais liberais, estes últimos pelos aspectos estruturantes de local “novo”, recém-enriqueciam e logo passariam a exercer cargos políticos de prestígio e poder. Personagens que faziam parte das polifonias e múltiplos interesses de buscas de consensos hegemônicos que se agregavam aos interesses daquelas grandes empresas de jornalismo nacional.

A malária se apresentava como uma espécie de personagem histórico de longa duração, como que a fazer parte das visões que se tem sobre a Amazônia – de modo geral – e Rondônia de forma mais específica. Pode-se caracterizá-la como uma personagem coadjuvante do rio, da selva, da ferrovia, da mineração, da colonização recente, da própria formação identitária do território e, posteriormente, do estado, consubstanciando-se em um “purgatório”, contraponto as visões da “Terra da Providência”,

A fórmula geral que se ecoava na grande imprensa nacional era a intrínseca relação entre o aumento populacional e ampliação das epidemias. Há neste aspecto uma sutil, porém, perceptível visão um tanto quanto preconceituosa a respeito dos modos de vida e da cultura local – que passa a se ampliar com colonos recém-chegados de outras regiões do país – obviamente que havia um fato concreto da falta estrutural de espaços físicos (hospitais, postos de saúde, entre outros), bem como a ausência de profissionais da área de saúde, todavia, é importante frisar que naquelas páginas as

⁷ É uma ação interministerial do Governo Federal realizada em coordenação com os Governos Estadual e Municipal e ligado as Forças Armadas Brasileiras, a ideia oficial original era a de levar

jovens universitários a regiões carentes para – em períodos de férias acadêmicas – conhecessem a realidade nacional e dessem assistências e realizassem pesquisas.

palavras “ignorância” e “pobreza” compartilhavam de forma desigual responsabilidades com os poderes públicos estabelecidos e o avanço acelerado das fronteiras – principalmente a econômica – sobre a região.

O impacto social das Doenças Tropicais Negligenciadas no Brasil se caracterizava pelo avanço “espontâneo” e/ou incentivado de forma governamental sobre a Amazônia, à custa da exploração humana e ambiental.

O “purgatório” das doenças e do medo sobre Rondônia foi confrontado por homens e mulheres – exército de reserva dos escondedouros capitalistas brasileiro – entre as décadas de 1960 e 1980, que construíra o estado, mas que pouca voz e representatividade tinham naquelas páginas da grande imprensa.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. L. Usos e abusos da imprensa escrita enquanto fonte histórica para a historiografia e história da educação. In: **VII SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA NO BRASIL”**, 7, 2006, Campinas, Anais...Campinas, Graf. FE: HISTEDBR, 2006.pp. 1-10.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Plano de eliminação da malária no Brasil**. Brasília, DF, 2016. Disponível em <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/janeiro/04/Plano-eliminacao-malaria-pub.pdf> acesso em 8 de jun. 2018.

BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais. A longa duração. In: **Escritos sobre a História**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. pp. 41-78.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997

_____, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMARGO, Erney Plessmann. Doenças tropicais. **Estud. av.** [online]. 2008, vol.22, n.64, pp.95-110. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n64/a07v2264.pdf> acesso em 13 jul. 2018.

CONHEÇA a malária. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, s/d. 8p. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/media/malaria%20folder.pdf>. Acesso em 10 mai. 2018.

CUNHA, E. da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELUMEAU, Jean. **história do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Estudantes forma mensageiros da esperança para Rondônia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 de ago. 1967, p. 10.

HARDMAN, Francisco. **Trem-fantasma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Mais de 152 vítimas de malária em Rondônia. **Folha de São Paulo**, 27 de mai. 1979, p. 9.

Malária põe Rondônia sob emergência. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 mai. 1980, p. 8.

O faroeste brasileiro. **Veja**, 27 de ago. 1980, p. 59 – 62.

Sucam aponta obstáculos para combate à malária. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de fev. 1980, p. 6.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Unesp, 2011.

How to cite (ABNT)

ARAGON, Sara Bello Aragon; MENEZES, Miguel Furtado; INÁCIO FILHO, Lourival. Neglected Tropical Diseases in the Amazon and its Representations in the Big Written Press (1960-1980). **JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education**. v. 2, n. 1, p. 30-40, jan.-jun., 2019.